

Para analistas, economia no Brasil é questão política

RONALD FUCS

O futuro da economia brasileira depende de fatores políticos, sendo o primeiro e mais importante deles o plebiscito sobre forma e sistema de governo, em abril. Esta afirmação é um dos poucos pontos de consenso nos cenários traçados por analistas entrevistados pela Insight - Engenharia de Comunicação e & Marketing Ltda.

As entrevistas foram reunidas no livro "Brazil — Social and Economic Survey", com apoio do Banco Arbi, e apresentadas a investidores internacionais num seminário em Nova York.

Foram consultados os economistas Affonso Celso Pastore, Celso Furtado, Mário Henrique Simonsen, Edmar Bacha e Roberto Campos; o deputado Nelson Jobim (PMDB-RS); Carlos Mariani, vice-presidente da Abiquim (Associação da Indústria Química); Carlos Salles, diretor da Xerox; Eliezer Batista, ex-secretário de Assuntos Estratégicos e presidente da Vale do Rio Doce International; o cientista político Herbert de Souza, o Betinho; e o ex-presidente do BNDES Marcos Viana.

De modo geral, todos acreditam na adoção do parlamentarismo, e criticam o sistema atual, por fazer com que qualquer crise mais grave envolvendo a Presidência repercuta na economia. O parlamentarismo chega a ser considerado essencial para que o país alcance a estabilidade econômica, e se o resultado do plebiscito for a vitória do presidencialismo, Simonsen prevê que a corrida presidencial de 1995 será o alvo de todas as discussões, adiando o ajuste da economia.



Simonsen teme adiamento do ajuste

Divergindo dos demais, dois analistas temem uma crise institucional em 1993: Marcos Viana, para quem Itamar Franco está se comportando de maneira confusa e não muito racional; e Celso Furtado, que teme movimentos separatistas no país, e argumenta que a unidade nacional, até agora, foi resultado da ação do Estado, fundamental para a criação de um mercado interno. Nenhum dos analistas se mostrou otimista quanto ao comportamento da inflação. Açam que as taxas se manterão altas, em torno de 1.000% ao ano. Entretanto, ninguém acredita na hiperinflação.

Não há expectativa de que, em meio a essa instabilidade, a economia cresça com rapidez. A taxa média prevista está em torno de 3%, o que significa que a renda per capita não aumentará significativamente, nem melhorará a qualidade de vida da população.